

“SÓ É FEIO QUEM QUER”: BELEZA E CORPOS PLÁSTICOS

Edna Maria Nóbrega Araújo

Professora do Departamento de Geo-História – UEPB.
Mestre e doutoranda em História pela UFPE.

1844, Dinamarca: emerge através da escrita de Hans Christian Andersen o conto infantil *O Patinho Feio*. Traduzido em vários países, reapropriado e lido de diferentes maneiras ao longo do século XX no Brasil, esse conto passeia no imaginário infantil e ajuda a produzir significados para o conceito de beleza. Para diferentes críticos literários o Patinho Feio é inspirado na própria infância de Anderson e o Cisne, por sua vez, no escritor e no homem em que ele se transformou, porque, com a beleza de suas histórias, se transformou em alguém admirado e sedutor. O Patinho Feio, narra o percurso de um personagem sofrido com o escárnio dos demais animais, nascido entre lindos patinhos e descrito como feio e desengonçado. Ao longo do tempo, a diferença do patinho feio para com os demais patos se acentuou. Ele decidiu fugir para a floresta e, depois de muito sofrimento, de dias vivenciados entre chuva, frio e tempestades, com a chegada da primavera e com a chegada desta de todo um mundo encantado produzido por Andersen, ou seja, o sol mais brilhante, as plantas mais esverdeadas, as flores mais perfumadas, o personagem principal do conto encontra um lago cristalino. Ao mergulhar no lago, ele percebe seu reflexo na água e daí emerge a surpresa e uma nova construção de si: ele era não um patinho feio mas, sim, um lindo cisne.

Quando criança, temos acesso a histórias como essa e passamos a naturalizar as construções dos padrões que estabelecemos como feio ou bonito. Naturalizamos, através das imagens e discursos que nos chegam, evidentemente para além da história do patinho feio, a visão de que é preciso buscar a beleza. E, enquanto o ser belo causa admiração e aceitação, o ser feio é motivo de escárnio, de não aceitação. Portanto, sinônimo de infelicidade, de sofrimento.

Na história do Patinho Feio, o herói encontra-se fora dos padrões de beleza para os patos. A mudança do ex-Patinho Feio para o novo cisne lindo acena com o famoso final feliz dos contos infantis. Diferente do mitológico Narciso que encontrou a morte ao se apaixonar pelo próprio reflexo na margem de um lago, o Patinho Feio encontra a felicidade. Ele encontra a convivência com outros cisnes bem como a idéia de que, a partir daquele dia, seria feliz para sempre.

É esse mesmo final feliz, que dezenas de mulheres buscam diariamente nas clínicas de estética, nos hospitais. Assim, como o Patinho Feio elas se sentem fora dos padrões de beleza ditados pela sociedade. As mulheres não mergulham nas águas claras de um lago, mas se entregam nas mãos de cirurgiões plásticos e de outros profissionais. Elas fazem retoques, recriam partes, aumentam ou diminuem os seios, o “bumbum”, as coxas, a cintura, a boca, as pernas, os cabelos, as partes íntimas, etc. Elas passam por verdadeiras metamorfoses, para também produzirem os sentidos da beleza e da felicidade.

Beleza e felicidade tornaram-se conceitos próximos. As produções discursivas que associam estas palavras – beleza e felicidade – estão por toda parte. Do conto do Patinho Feio, escrito no século XIX mas revisitado tantas vezes durante o século XX, podemos partir para os discursos presentes nas produções cinematográficas de Hollywood, especificamente, para o Filme *Um Lugar Chamado Notting Hill*, de 1999. Neste filme, Julia Roberts faz o papel de uma famosa atriz, Anna Scott e protagoniza cenas e discursos que referenciam as alegrias que a fama e a beleza ajudam a produzir. No entanto, de maneira semelhante a história do Patinho Feio, Anna Scott também passou por transformações:

Faço regime desde que tinha 19 anos. Significa que passo fome há uma década. E... Passei por 2 plásticas realmente dolorosas para ficar como sou. [...] E num dia muito próximo, quando perder a beleza, verão que não sei atuar. Eu vou me transformar numa mulher triste de meia idade que parece com uma mulher que foi famosa um dia.

Se o conceito de beleza se aproxima do conceito de felicidade, a ausência de beleza é enunciada como tristeza. Outro conceito, porém, emerge na citação acima como próximo ao conceito de beleza: o de juventude. Juventude e beleza produzem felicidade? Este é o significado que a personagem Anna Scott busca produzir? Ela acredita que perderá a beleza junto com a perda da juventude. No entanto, na narrativa acima está explicitado o fato de que o percurso para atingir a beleza foi doloroso. Na passagem de patinho feio a cisne, da personagem Anna Scott, não existia um lago no caminho. “Para ficar como sou”, para se tornar um cisne promover uma escrita de si como bela, a personagem cita duas cirurgias plásticas.

As transformações femininas em defesa da beleza levam as mulheres, não aos lagos, mas às clínicas de estética. À procura de novas escritas de si, de novos significados para seus corpos.

A metamorfose pela qual passa o dito Patinho mostra a transformação, pela qual, muitas mulheres sonham em passar, sobretudo a partir das últimas décadas do século XX, através das diferentes cirurgias estéticas, em busca de alcançar um “corpo perfeito” e um padrão estabelecido como belo. Belo este comumente divulgado e construído através das interferências e metamorfoses no corpo. A partir das mudanças de caráter físico, as mulheres constroem os sonhos de que acontecerão alterações subjetivas: de vida, de personalidade, de amor, de modos de existência.

A aparência da beleza é exaltada e o corpo passa a ser visto como um caminho de produção de uma nova subjetividade. O novo olhar sobre si é impulsionado pelo bombardeio da mídia na produção dos sentidos sobre o corpo.

A produção do corpo se opera, simultaneamente, no coletivo e no individual. Nem a cultura é um ente abstrato a nos governar nem somos meros receptáculos a sucumbir às diferentes ações que sobre nós se operam. Reagimos a elas, aceitamos, resistimos, negociamos, transgredimos tanto porque a cultura é um campo político como o corpo, ele próprio é uma unidade biopolítica. Por essa razão, podemos pensar no corpo como algo que se produz historicamente, o que equivale dizer que o nosso corpo só pode ser produto do nosso tempo, seja do que dele conhecemos, seja do que ainda está por vir. Um corpo que, dada a importância que hoje apresenta no que respeita a construção de nossa

subjetividade está exigindo de nós não apenas a busca constante de prazeres sempre reinventados, mas também disciplina, responsabilidade e dedicação. Um corpo que, ao mesmo tempo que é único e revelador de um eu próprio, é também um corpo partilhado porque é semelhante e similar a uma infinidade de outros produzidos neste tempo e nesta cultura.

O corpo, no final do século XX, é enunciado, principalmente pela mídia, de forma fragmentada. Fragmentado, porém perfeito, porque “perfeição é um conjunto de detalhes” afirma a frase inserida na figura 01, exposta a seguir. Das pernas, pés, seios, orelhas, boca, nariz, nádegas, cinturas e culotes emerge a mulher feliz. A mulher que encontrou a perfeição em um conjunto de detalhes. Encontrou a perfeição ao assumir para si e para seu corpo os significados elaborados por uma cultura da propaganda que sabe muito bem produzir discursos com efeitos de verdade.



Figura 01: Anúncio da clínica de cirurgia plástica Perfect. Plástica & beleza. 2007.

Na Perfect Cirurgia plástica fala-se de perfeição. Perfeição que se torna possível através de “todos os tipos de cirurgias plásticas (...) a financiamentos sem carência na medida do seu bolso.” Os discursos enunciados na propaganda da Perfect, através dos textos e das imagens anteriormente reproduzidas, fala de um conjunto de detalhes a serem moldados, reelaborados para os corpos. Não há resignificação mais forte do que a nova modelagem que pode ser adquirida a partir dos atos cirúrgicos. Os discursos enunciam os avanços e as possibilidades da perfeição e, os próprios corpos, remodelados emergem como os principais propagadores de sentidos sobre a beleza no final do século XX.

O corpo passa a funcionar como um artefato plástico capaz de assumir diferentes formas. Ele não se trata de uma estátua que ao final de um trabalho, também considerado plástico e artístico, não sofrerá alterações, isto é, exceto as ressignificações do tempo a partir do olhar do presente sobre o passado. O corpo é um monumento diferenciado. Ele se encontra em constante movimento, trata-se de um documento/monumento que poderá vir a ser modificado não apenas pelo olhar do presente, futuro do passado como as mais variadas fontes históricas assim seriam. Fontes estas que seriam ressignificadas ao longo do tempo. O corpo, aqui tomado como fonte,

visivelmente pode ser marcado e desenhado, remodelado, reelaborado, desconstruído na sua materialidade inicial e, assim, produtor de novos significados.

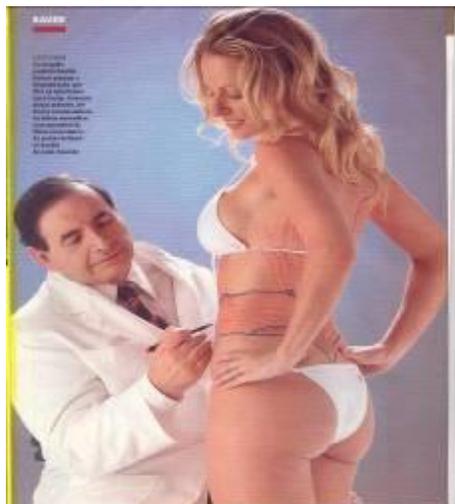


Figura 02: O planejamento para uma lipoaspiração. Revista Época, 2006.

Os significados para a beleza passam a ser elaborados através das marcas cirúrgicas e dos detalhes. As imagens do corpo e da beleza difundidas passam a ser construídas através do atento olhar da cirurgia plástica.

No final do século XX Beleza e cirurgia plástica passaram a caminhar de mãos dadas no Brasil, ou seja, não é possível falar da história da beleza no século XX sem mencionar o papel dos discursos que enfatizam a necessidade da obrigatoriedade da beleza através dos avanços tecnológicos das cirurgias plásticas. Em entrevista a revista Época Online o médico Moisés Wolfenson afirma que o Brasil é um país que bate recordes em cirurgias plásticas, devido as habilidades de seus cirurgiões plásticos, uma vez que:

Se há bons resultados, os pacientes se animam a fazer e divulgam os resultados. Outro fator é o Brasil ser um país tropical, onde as mulheres são muito vaidosas. Nenhuma delas quer ir de maiô na praia, então elas tiram uma gordurinha aqui, colocam silicone nos seios... Além disso, a imprensa divulga bastante as novidades. Atualmente, existe também uma estabilidade financeira que nos permite fazer parcelamentos fixos, o que facilita o acesso.

Como freqüentar a praia se você não entrou em forma ou na forma apontada pela revista, pelo programa de TV como sendo a ideal do momento? Como caminhar pela praia em pleno verão usando um maiô, sem ter a pele bronzeada ou exibindo o excesso de gorduras na barriga e costas, popularmente chamadas de pneus? É como se seu corpo fora da dita forma, não tivesse o direito de ser mostrado. Na atualidade, é melhor exibir um corpo completamente despido do que fora da fôrma, das indicações de beleza divulgadas. Existe uma supervalorização do corpo, mas este corpo precisa ser belo, está dentro dos padrões, apontados como ideais. Se a imagem produzida for diferente da aclamada, o corpo se tornará sinônimo de vergonha, infelicidade, baixa estima.

O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre crianças e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o

contra-efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado! [...]”.

As intervenções sobre o corpo ao mesmo tempo que aparentam oferecer liberdade, invoca também estratégias de autocontrole e interdição. A promessa de uma vida longa, de um corpo belo e saudável é acompanhada de discursos que auto-regulam a mulher tornando-a vigia de si mesmo: “fique nua... mas seja magra”. Desse modo, o corpo, é alvo de diferentes métodos disciplinares, “entendidos como um conjunto de saberes e poderes que investem no corpo e nele se instauram”.

O desejo de transformar o corpo é reconhecido em todas as culturas, em todos os tempos. Em especial, a partir da década de 1990, é como se fosse obrigado se promover alguma interferência sobre o corpo. Os cuidados com o embelezamento, por exemplo, tornaram-se praticamente uma necessidade, após o desenvolvimento da indústria cosmética, na lógica do “só é feio quem quer”. A ciência, a indústria, a mídia acabam por responsabilizar o sujeito pela sua “boa” ou “má” aparência.

No jogo discursivo dos meios de comunicação social sobressai a valorização da procura pela perfeição estética. Os sentidos produzidos nos discursos enfatizam o pensamento de que a aparência convencionalizada como a da beleza está ao alcance de todas as pessoas. Nesse sentido, a busca pelo embelezamento tem levado ao aumento do consumo de produtos de beleza, de cosméticos, dos serviços oferecidos nas clínicas de estética, do número de cirurgias plásticas, dos salões de beleza e dos programas de TV voltados para a beleza feminina.

As propagandas das revistas brasileiras demonstram este papel, por parte das clínicas cirúrgicas, de fábrica de beleza dos corpos. Em que os anúncios são muitos, as propostas das clínicas diversificadas e sedutoras, principalmente, para as mulheres que se encontram insatisfeitas com o padrão de beleza que possuem.

A indústria hospitalar das cirurgias plásticas fabrica novos corpos e, do mesmo modo que uma fábrica poluente não enuncia seus aspectos negativos, divulga apenas as vantagens do produto que elabora. De maneira semelhante, evidentemente, não existe uma divulgação por parte da mídia dos problemas decorrentes das cirurgias. Só se dá visibilidade aos bons resultados. Existe toda uma campanha com nomes de clínicas e médicos famosos, mas não existe um esclarecimento em relação às possíveis complicações que podem ocorrer durante o procedimento cirúrgico como também no pós-operatório. E o que era sonho pode ser transformado em pesadelo.



Figura 03: Efeitos da cirurgia plástica. 2008.

Assim, desde os anos de 1970, a cirurgia plástica despontou no país, e a partir dos anos seguintes novas técnicas foram sendo empregadas e novas modalidades foram surgindo, transformando o Brasil no segundo país em número de intervenções cirúrgicas, perdendo apenas para os Estados Unidos.

No final do século XX, diferentes estratégias foram colocadas a disposição das mulheres que desejavam remodelar o corpo. Cada fragmento, cada parte do corpo poderia ser recriada, remodelada, corrigida. Orelhas, sobrancelhas, nariz, pálpebras, papada, queixo, seios, cintura, nádegas, pernas, genitália. Para cada parte do corpo foi criado um tipo de procedimentos.

Pense na sua imagem como um grande espetáculo. Você é a estrela, faz bem seu papel, veste-se de acordo com ele, usa a maquiagem e os cabelos que se harmonizam com seu tipo, transmitindo às pessoas as características de seu personagem. Enquanto, elas assistem à sua atuação fazem uma análise de sua aparência. [...] Talvez aquele complexo de se achar feia, o qual tem infernizado a sua vida desde a infância, seja real. Essa constatação pode doer, mas é construtiva. Modificar a imagem é absolutamente possível. [...] Pequenas e rápidas intervenções cirúrgicas podem corrigir os descompassos simples da aparência, de forma definitiva e com ótimos resultados. Você pode escolher um final de semana para ajustar a beleza. E na segunda-feira retornar às suas atividades, com moderação. O local certamente terá leves hematomas, e vai estar um pouco inchado, porém nada agressivo ao olhar.

Ora, segundo a Revista Plástica e beleza, atualmente ser feio não é mais problema. Nas grandes e pequenas cidades é possível encontrar dezenas de clínicas com profissionais capazes de corrigir a *feiúra* e num simples fim de semana, como se fosse uma mágica, o médico imbuído do poder do bisturi elabora a transformação e, pronto, o feio poderá se transformar num príncipe ou princesa, deixar de ser o Patinho Feio para se tornar o cisne.

Desse modo, é praticante impossível não se deixar seduzir pelas possibilidades de cirurgias estéticas modeladoras. Modificar, alterar, corrigir, aperfeiçoar traços apenas para atender o desejo de adaptar o corpo aos modelos considerados adequados e merecedores de exibição ao olhar de todos, trata-se do apelo que os discursos sobre beleza enunciam. Para a mulher, estes discursos passam a representar, também, a possibilidade de se ter qualquer aparência que se deseje.

“A Cirurgia estética (...) baseia-se em uma fantasia de domínio de si”. Fantasia porque as identidades, afirmaria Stuart Hall (1999) estão sendo deslocadas, descentralizadas e, assim, a construção de si mesmo vem assumindo, cada vez mais, o caráter da efemeridade. A Cirurgia estética, no final do século XX, ilustra a velocidade das metamorfoses porque passam os indivíduos no cotidiano da vida pós-moderna. Através dela, apesar do corpo não possuir problemas patológicos, emerge a preocupação por mudanças físicas imediatas que faz da “cirurgia estética um mecanismo alquímico capaz de (re)projetar as diretrizes corpóreas ao realizar intervenções radicais na aparência do sujeito”.

Segundo Denise Sant’anna até os anos de 1950, a beleza era aceita como um dom da natureza. A partir daí ela passou a ser vista como sendo construída e, por isso, a ser estimulada como algo a ser trabalhado. Dentro dessa perspectiva, cada mulher torna-se responsável pela sua própria beleza. Diante de tantas possibilidades disponíveis no mercado, e divulgadas pela mídia, a beleza, conforme é anunciada nas revistas, tornou-se um “direito de todas as mulheres”, logo, “só é feia quem quer”. Como essa idéia de que “só é feia quem quer” repercute no cotidiano feminino? Como não aderir às propostas apresentadas no mercado da beleza?

As plásticas, portanto, colaboram na nova escrita de si que os indivíduos constroem. Elas constroem as identidades fragmentárias que os discursos ajudam a construir. Elas escrevem e reescrevem novos sentidos identitários, porque quando o assunto é transformação corporal não existe mais parâmetro. Médicos e mulheres, gradativamente, surpreendem com novas intervenções e metamorfoses. Novas cirurgias ou aperfeiçoamentos de técnicas já consolidadas são colocados como opção nas várias clínicas de estética espalhadas pelo Brasil.

[...] É anunciado a cada instante que cada um pode dispor das formas sonhadas, modificar e compor a aparência desejada, reforçar e dinamizar o funcionamento do seu organismo. A ditadura do corpo único, quase sempre problemático, cheio de defeitos e limitações pode e deve ser substituído por múltiplas escolhas, pela versão anatômica adequada a cada ocasião ou performance que o indivíduo deseja. O que se festeja é o fato de que praticamente cada parte do corpo pode ser trocada, refeita, reconfigurada. O corpo passa a ter uma estrutura modulável e as ‘peças’ envelhecidas, cansadas, doentes, podem ser substituídas, atualizadas, potencializadas.

A Miss Brasil de 2001, Juliana Borges, antes do concurso de beleza, não possuía as medidas consideradas necessárias. No entanto, tornou seu sonho de miss possível devido as intervenções cirúrgicas que realizou. Ela modelou seu corpo através de uma cirurgia para correção das orelhas de abano, colocou prótese de silicone nos seios, fez aplicações de colágeno no maxilar, nas maçãs do rosto e na boca e também lipoaspirações na barriga e nas costas além de remoções de pintas no rosto, no pescoço e no abdome. Ao todo se submeteu a 19 intervenções na silhueta.



Figura 04: Juliana Borges. "Miss retoque". 2001.

Em março de 2001, com a sua beleza aprimorada artificialmente, ela recebeu coroa e faixa como a mais bela mulher do país e abriu o debate sobre os limites da remodelagem do corpo. "Embora os brasileiros estejam cada vez mais acostumados aos implantes de silicone, às lipoaspirações e cinzeladas adicionais nas curvas de mulheres famosas, com Juliana a reação foi de surpresa: será que ela tinha de ser naturalmente bela?"

No final do século XX, portanto, não é múltiplo apenas o sujeito, mas seu corpo pode significar múltiplas construções da existência de um indivíduo. Cada vez mais, portanto, o conceito do que era humano se aproxima da forma homem-máquina. Homem-máquina que se reorganiza, se reinventa, que é tão plástico quanto qualquer um dos artefatos que manipula. Máquina porque não possui mais um único lugar de sujeito para se fabricar. O homem máquina se reinventa de todos os modos, porque "através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas."

O corpo possui uma construção histórica. Na história da beleza do Brasil do século XX, com a forte contribuição das tecnologias advindas das plásticas, o corpo demonstra a sua historicidade e a sua fluidez. A tecnologia das plásticas só não confirma a idéia do corpo como múltiplo em um aspecto, ou seja, ela defende a perfeição dos mesmos. Os discursos que produzem os significados para o corpo encontram-se, portanto, presos as relações de poder que elaboram como discursos vencedores os que enunciam a busca da beleza e do corpo perfeito livre, principalmente, das chamadas gorduras "indesejáveis".

Você já tentou de tudo: dietas, academia e até tratamentos estéticos. Mesmo assim, ela continua lá, firme e forte. Estamos falando da gordura localizada, fantasma que assombra nove entre dez mulheres. E não pense que esse mal é somente relacionado ao excesso de peso: ele é comum mesmo em pessoas magras. Para exterminar essas gordurinhas insistentes, muitos cirurgiões recomendam uma lipoaspiração de pequeno porte, que retira entre 200ml e 1 litro de gordura. Intervenções desse tipo vêm sendo cada vez mais procuradas pelas pacientes, que as chamam, carinhosamente, de "lipinho" ou "minilipo". Em muitos casos, a lipoaspiração, seja ela de pequeno ou grande porte, é o único método capaz de eliminar a gordura localizada, tendo em vista que nem sempre uma boa alimentação e exercícios físicos regulares são capazes de fazê-lo. Essa gordura também pode ser classificada como recidivante, pois permanece instalada mesmo quando a pessoa emagrece.

A meta é a da exclusão da gordura localizada, vista acima como “um fantasma que assombra nove entre dez mulheres.” Principalmente a partir da década de 1980, quando entrou na moda possuir silhueta delgada. O que, de certo modo, justifica a corrida das mulheres em busca de alcançar essas medidas para seus corpos, através das mais variadas dietas, dos exercícios físicos especializados na modelagem de cada parte do corpo, da ingestão de remédios e produtos químicos e das intervenções cirúrgicas invasivas.

Neste sentido, o *Caderno Vida, do Jornal Zero Hora* de 29/03/2003, afirma que só em 2001 foram realizadas 360 mil cirurgias plásticas no Brasil, sendo que 70% foram realizadas por mulheres, 50% foram cirurgias estéticas e destas 40% lipoaspiração. Quando as práticas citadas acima não resolvem o que já passou a ser considerado um problema, ou seja, o peso a mais e/ou a gordura localizada, as brasileiras recorrem as cirurgias plásticas de forma desenfreada.

Vejamos o exemplo de Carla Perez:



Figura 05: Carla Peres 2002.

Se o assujeitamento da mulher ao modelo de beleza do século XIX, pode causar espanto as mulheres do século XXI, afinal ir a uma igreja ou a um baile apertada por um espartilho com varetas de aço, machucando as carnes, poderia parecer loucura mas, e hoje? O que fazem as mulheres em busca do corpo perfeito?

Percebe-se que, a cada ano, com os avanços da tecnologia e a popularização das cirurgias plásticas tem se tornado cada vez mais fácil a realização dos sonhos do corpo “perfeito” e da conquista da beleza. As revistas e programas de TV mostram o passo a passo das cirurgias apresentam também o antes e o depois, ou seja, a passagem de “gata borralheira” a “princesa”. Emergem depoimentos de mulheres mostrando como as dores não significaram nada diante da transformação alcançada. Estes depoimentos provocam a diminuição do medo da cirurgia e as mais diferentes as mulheres pensam: por que não eu?

Desse modo, não é de se estranhar que a revista *Veja* de janeiro de 2004 tenha realizado uma matéria com o título de *É de lei: o direito a beleza* que, dentre outros aspectos, comenta:

Melhores, mais acessíveis e mais baratos, os tratamentos estéticos se disseminam e criam uma nova utopia: hoje, em prestações ou no cartão, todo mundo pode ser mais bonito.

Todas as pessoas têm direito à vida e à liberdade, rezam as cartas fundamentais das democracias. Nem as utopias mais arrebatadas, porém, falam numa conquista que está cada vez mais se insinuando na lista de prerrogativas da humanidade: o direito à beleza. O que era obra da natureza, fruto do acaso genético, sem possível intervenção humana - basicamente, rosto sem marcas, corpo com medidas proporcionais, pele viçosa, dentes perfeitos -, foi sendo decifrado e aprimorado pela medicina e pela tecnologia e agora pode ser adquirido na clínica de estética mais próxima, com desconto à vista ou em suaves prestações mensais. A plástica em doze vezes no cartão é um dos passaportes para a disseminação do direito à beleza.

O direito à beleza hoje é varrer ruguinhas desde sempre consideradas inevitáveis, empinar seios cadentes, domar dentes desalinhados. Enfim, melhorar aquilo que a natureza nos deu e, assim, enfrentar a estrada da vida com um pouco mais de satisfação. Todo mundo quer ser bonito, inclusive os que dizem nunca, jamais ter pensado nessas coisas. E quase todo mundo pode, hoje, fazer algo em favor da própria aparência. As facilidades são tantas que até quem aparentemente não tem o que melhorar sempre encontra algum espaço para o aperfeiçoamento.

Do exposto, é possível constatar que a conquista da beleza, através de intervenções estéticas e tecnológicas, se tornou acessível e se difundiu entre os diferentes segmentos da sociedade. A lei é a de buscar a beleza onde quer que ela possa ser encontrada:

Os velhos obstáculos ao embelezamento cederam definitivamente: grupos sociais, idade, gêneros, produtos, divulgação e mesmo imaginários transformaram a beleza de hoje em dever obrigatório, disseminando, expectativa sempre mais dispersa. Até a retórica supostamente destinada a arrebatá-los 'todos' os leitores: 'A mulher RoC é também você'. Até o artifício de também superar definitivamente a natureza, com a beleza se tornando sempre menos um dado e sempre mais um trabalho, sempre menos um destino e sempre mais um projeto, uma manifestação supostamente destinada a se propagar e a se fabricar: 'Chegamos ao estágio terminal da beleza, não no sentido de que sua história acabaria, mas no sentido de que todos os antigos limites à sua expansão desmoronaram.'